

11  
de Gomes de Barros

# Cometa

de e Ignacio da Catingueira



A VENDA

de — Rua do Alecrim n. 33 E

1910



## O Cometa

Charo leitor vou contar-lhe,  
O que foi que succedeu-me,  
O medo enorme que tive,  
Que todo corpo tremeu-me,  
Para fallar-lhe a verdade  
Digo que o medo venceu-me.

Eu andava aos meus negocios,  
Na cidade de Natal,  
No hotel que hospedei-me  
Appareceu um jornal,  
Que dizia que no céo  
Se divulgava um signal.

O signal era o cometa  
Que devia apparecer,  
Em Maio, no dia 18  
Tudo havia de morrer,  
Ahi sentei-me no banco,  
Principiei a gemer.

Gemi até ficar rouco,  
Fiquei logo descorado,  
Depois o sangue subio-me,  
Que fiquei quasi encari ido,  
Imaginando n'um livro,  
Que um freguez levou fiado.

Disse ao dono do hotel :  
Senhor eu estou resolvido,  
Antes de 20 de Maio,  
Nosso mundo é destruido,  
Visto não durar um mez,  
Não pago o que tenho comido.

A dona da casa disse-me :  
O senhor está enganado,  
Se eu fôr para o outro mundo,  
O cobre vai embolçado,  
Eu subo, porém em baixo  
Não deixo nada fiado.

Me resolvi a pagar,  
Foi damnado esse processo,  
Não paguei, tomaram á força,  
O que é verdade, confesso,  
Se havia morrer de desgraça,  
Antes morrer de successo.

Tratei de tomar o trem,  
E seguir minha viagem,

Disse : vai tudo morrer,  
Para que comprar passagem ?  
Inglez vai perder a vida,  
Perca logo essa boubagem.

O conductor perguntou-me :  
Sua passagem onde está ?  
Eu disse : na bilheteira,  
Quando eu vim deixei-a lá.  
Não comprou ? perguntou elle,  
Pois paga o excesso cá.

Eu lhe disse : conductor,  
O mundo vai se acabar,  
Para que quer mais dinheiro,  
E' para lhe atrapalhar ?  
A mortalha não tem bolso,  
Onde é que ô póde levar ?

Chego em casa muito triste,  
Achei a mulher trombuda,  
Perguntei : filha o que tem ?  
Respondeu-me, carrancuda :  
Ora a 18 de Maio,  
O mundo velho se muda.

Perguntei : tem jantar prompto ?  
Venho com fome e cansado,  
Desde hontem, respondeu-me,  
Que o fogão está apagado,

Devido a esse cometa  
Não querem vender fiado.

Eu estava tirando as botas  
Quando chegou um caxeiro,  
Esse vinha com uma conta,  
Que eu devia ao marinhoiro,  
Eu disse: Vai morrer tudo,  
Seu patrão quer mais dinheiro?

Fui fallar um fiadinho,  
Que eu estava de olho fundo,  
O marinhoiro me disse:  
Já por alli, vagabundo.  
Eu disse: Venda Seu Zé,  
Que eu pago no outro mundo.

A 19 de Maio,  
Quando acabar-se o barulho,  
Eu hei de ver vosmecê  
Que o senhor vai no embrulho,  
Só si esconder-se aqui,  
Debaixo de algum basculho.

Quero 10 kilos de carne,  
Uma caixa de sabão,  
Quatro cuias de farinha,  
Doze litros de feijão,  
Quero um barril de aguardente,  
Assucar, café e pão.

Manteiga, azeite e toucinho,  
Bacalhau e bolachinhas,  
Vinagre, sebolla e alho,  
Vinte latas de sardinhas,  
Duas latas de azeitonas,  
Umas dezoito tainhas.

O marinhoiro me olhou,  
E exclamou: Oh! desgraçado!  
Então inda achas pouco  
Os, que já tens enganado,  
Queres chegar no inferno,  
Com isso mais no costado?

Eu disse: Meu camarada,  
Isso é questão de dinheiro,  
Ganha quem fôr mais esperto,  
Perde quem fôr mais ronçeiro,  
Aonde foram duzentos,  
Que tem que vá um milheiro.

Perguntei ao marinhoiro:  
Não faz o fiado agora?  
O marinhoiro me disse:  
Vagabundo vá embora,  
Eu lhe disse: Pé de chumbo,  
Você morre e está na hora.

Voltei e disse á mulher:  
Minha velha, está damnado.

O cometa vem ahi,  
De chapéo de sol armado,  
Creio que no dia 18,  
Lá vai o mundo equipado.

Deixe ir lá como quizer,  
A cousa vai a capricho,  
Comer, nem se trata nelle,  
Nossa roupa foi no lixo,  
Vamos ver se lá no céo  
Tem onde matar-se o bicho.

Fui onde vendiam fato,  
Comprei uma panellada,  
Comprei mais um garrafão  
De aguardente immaculada,  
Disse a mulher: Felizmente,  
Já estou de mala arrumada.

A 17 de Maio,  
A fortaleza salvou,  
Eu comendo a panellada  
Que a velhinha cosinhou,  
Quando um menino me disse:  
Papai o bicho estourou.

Ahi eu juntei os pratos,  
Embollei todo o pirão,  
Botei o caldo n'um pote,  
Peguei-me com o garrafão,

Me ajoelhei, rezei logo  
O acto de contricção.

A mulher disse chorando:  
Meu Deus fica a panellada.  
Disse o menino: Papai,  
Onde está a immaculada?  
Eu disse: Filho socega,  
Aqui não me fica nada.

E me ajoelhando ahi,  
Tratei logo de rezar  
O acto de confissão,  
Senti um anjo chegar  
Dizendo reze com fé  
Ainda póde escapar.

Ahi disse eu:

— Eu beberrão me confesso a pipa,  
a bem aventurada immaculada de Serra  
Grande, ao bemaventurado vinho de  
cajú, a bemaventurada genebra de Hol-  
landa, vinhos de fructas, apóstolos de  
deus Baccho, e a vós, oh caxixi que  
estaes a direita de todas as bebidas na  
prateleira do marinheiro. Amen.


Quando eu acabei de orar,  
Olhei para a amplidão,

Ouvia dansar mazurka,  
Cantar, tocar violão,  
Era um anjo que dizia :  
Bravos de tua oração.

Ahi um anjo chegou,  
Com uma tunica encarnada,  
Disse : Sou de Serra-Grande,  
De uma fazenda fallada,  
Eu sou o que cerca o throno,  
Da gostoza immaculada.

Sr. Láu o proprietario,  
Do reino onde ella mora,  
Me mandou agradecer-lhe,  
A supplica que fez agora,  
Ahi apertou-me a mão,  
E lá foi o anjo embora.

Ahi eu disse : Mulher,  
Visto termos nos salvado,  
Desmanchemos nossas trouxas,  
Já estava tudo arrumado,  
Toca comer e beber,  
Foi um bacafú damnado.



8x3



## Romanc e Ignació da Catingueira

*Romano*—Romano quando se assanha,  
Treme o norte, abala o sul,  
Solta bomba envenenada,  
Vomitando fogo azul,  
Desmancha negro nos ares,  
Que cae tornado em paul.

*Ignacio*—Ignacio quando se assanha,  
Cae estrella, a terra treme,  
O sol esbarra seu curso,  
O mar abala-se e geme,  
Cerca-se o mundo de fogo,  
E o negro nada teme.

[ *R.*—Ignacio tu me conheces  
E sabes bem eu quem sou,  
E tenho que te garantir,  
Que á catingueira inda vou,  
Vou derribar teu castello,  
Que nunca se derribou.

*I.*—E' mais facil um boi voar,  
O cururú ficar bello,  
Aruá jogar cacête,  
E cobra calçar chinello,  
Do que haver um barbado,  
Que derribe meu castello.

*R.*—Antes de ir oito dias,  
Hei de mandar-te um aviso,  
Você estando em casa corre,  
Porque você tem juizo,  
Eu lá vou fazer estrago,  
Quebro, rasgo, queimo e pizo.

*I.*—Meu branco, está engraçado,  
Esse pensamento seu,  
O senhor derriba outro,  
Que não foi igual ao meu,  
Faz todo mundo correr,  
Mas, não ha um como eu.

*R.*—Tu só dizes que não corre,  
Porque não vio-me em questão,  
Talvez nunca tenhas visto,  
Eu chegar touro ao morão,  
Espantar onça na furna,  
E aperriar um leão.

*I.*—Si é por isso *seu* Romano,  
Eu já peguei jacaré,

Arranquei-lhe logo as prezas,  
Soltei-o n'uma maré,  
Pesquei baleia de anzol,  
E tubarão de gereré.

*R.*—Seja você o que fôr,  
Eu vou sempre á catingueira,  
E hei de levar um marco,  
Para cada costaneira,  
Os de lá ficam dizendo  
Lá se foi nossa ribeira.

*I.*—Quando fôr procure um padre  
Que o ouça de confissão,  
Deixe a cova já cavada,  
Deixe recommendação,  
Leve a rede onde ha de vir,  
E faça logo o caixão.

*R.*—Veja o pobre desse negro,  
Onde é que vem se soccar,  
No logar mais apertado  
Que o christão póde encontrar  
O diabo está com elle,  
Quer agora o acabar.

*I.*—Eu lastimo *seu* Romano,  
Ter hoje cahido aqui,  
Nas unhas de um gavião,  
Sendo elle um bemtevi,

Já está se vendo apertado  
Que só peixe no giqui.

R.—Iguacio eu sei que és duro,  
Mas é lá na catingueira,  
Para Mãe-d'Agua onde moro  
Não descambas a ladeira,  
Pode'o diabo ir ao céu  
Mas tu não vais ao Teixeira.

I.—Repare para o nascente  
Veja se o dia amanhece,  
Se o sol nascer encarnado  
E' elle que se offerece,  
Um pharol grande, bem claro,  
Mostra que o negro apparece.

R.—As columnas de meu sitio  
Foram feitos de aço puro,  
Ao redor do sitio tem  
Grossas paredes de muro,  
Tem lugar aonde um negro  
Cahindo fica seguro.

I.—Os muros lá do seu sitio  
Com um sopro só eu desmancho  
Abra o olho e limpe a vista  
Olhe a desgraça no rancho,  
E veja que o negro velho  
Dar-lhe serviço de gancho.

R.—Tenho pegado leão  
Que o ronco delle estremece,  
Tenho maltratado touro  
Até que elle me obedece,  
Já tenho açoutado tudo  
E nunca achei me desse.

I.—Oh ! patrão dono da casa  
Se ainda não se enfadou,  
Peça que o povo se cale  
Que quero mostrar quem sou,  
Quero dar hoje num homem  
Que diz que nunca apanhou.

R.—Ignacio, tu ignoras  
O que seja sacrificio,  
E nunca vistes encontro  
De romano com Patricio.  
Patricio é como relampago  
Eu sou trovão inteiriço.

I.—Patricio é cantador velho  
Já está muito abalisado,  
O senhor venha com elle  
Chegue bem apadrinhado  
E veja se não apanha  
Padrinho com afilhado.

R.—Ignacio, meu peso é grande,  
Com elle ninguem se ajuda,



Eu quero dar-lhe um conselho  
Vejs vsçê, não se illuda,  
Cabindo nas minhas unhas  
Não vejo mais quem lhe acuda

*I.*—Foi hoje que pude crer  
Como o diabo é tyranno,  
Como ageita as creaturas  
E sabe fazer engano.  
Tanto fez, tanto mecheu,  
Qua laçou sempre Romano.

*R.*—Meu negro, você commigo,  
Não pode contar victoria  
Porque faço-lhe um serviço  
Que ficará em memoria,  
Quebro-te as costas a pau  
E as mãos com palmatoria.

*I.*—Meu branco, se o senhor diz,  
Que ainda tem de me açoitar,  
Deixe dessa tentação  
Creia em Deus, cuide em rezar,  
Eu lhe juro adiantado  
Um homem só não me dar.

*R.*—Negro, eu canto comtigo,  
Por um amigo pedir,  
Visto me sacrificar  
Não me importa de o ferir,

Calco aonde achar mais molle  
E bato emquanto bulir.

*I.*—Meu branco, dou-lhe um conselho,  
Não commetta tal perigo,  
Peça a Deus que lhe retire  
Desse laço do inimigo,  
Antes morrer enforcado  
Do que pelejar commigo.

*R.*—Eu agarro um cantador  
Tiro-lhe dente por dente,  
Arranco lingua e os olhos  
Deixo a caveira somente,  
Tiro-lhe o couro dos beiços  
Deixo elle assombrando a gente.

*I.*—Cantador das minhas unhas  
Quando se solta é cosido,  
Faço elle ir em lugar  
Que nem urubú tem ido  
Se escapar algum pedaço  
Quando cahe é derretido.

*R.*—Já passa de meia noite  
E tu já debes afrouxar,  
Depois teu senhor acorda  
E manda te procurar,  
Se não te acharem, amanhã  
Com certeza has de apanhar.

*I.*—Seu Romano eu sou um negro  
Sinhá foi quem me creou,  
Meu Senhor vê eu sahir  
Porem nunca me empatou.  
Eu que estou cantando aqui  
Foi elle quem me mandou.

*R.*—E' que diz todo negro  
Ninguem deve acreditar,  
Eu tambem tenho escravo  
Mando elle trabalhar,  
Quando estou fóra de casa  
Elle só quer vadiar.

*I.*—O que o senhor Romano diz.  
E sempre um facto commum,  
Escravos de muitos homens  
Passam semana em jejum,  
Meu Senhor tem 20 escravos,  
Senhor Romano só tem um.

*R.*—Negro cante com mais geito  
Veja sua qualidade,  
Eu sou branco e sou um vulto  
Perante a sociedade.  
Em vir cantar com você  
Baixo da dignidade.

*I.*—Essa sua phrase agora  
Me deixou admirado,

Para vossa mercê ser branco.  
Seu couro é muito queimado,  
Seu nariz achatou muito,  
Seu cabello é agastado.

*R.*—Já faço tú te calares,  
Não quero articulação,  
Vamos a geographia  
Que chama o povo attenção,  
Vêja se entende ou se pode  
Me dar uma explicação.

*I.*—Senhor Romano eu me lembro  
O que meu senhor dizia,  
O mundo tem cinco partes,  
São : Asia e Oceania,  
America, Europa e Africa  
Assim diz a geographia.

*R.*—Então deves conhecer  
De Cabo, Estreitos e Mar,  
Os golfos, as raças todas,  
Deve estar de tudo ao par,  
Afina tua cachola,  
Lá vou eu te perguntar.

*I.*—Patrão faça ponto ahi,  
Nesse embrulho é que eu mão vou  
Vossê quer que eu lhe diga  
O que ninguem me ensinou,

A geographia é difficil  
Della eu muito longe estou.

*R.*—Eu bem conheci, Ignacio,  
Que a respiração te falta,  
Isso é bom para Romano  
Que canta e não se delata,  
De onde eu estou ninguem me tira  
Nó que eu dou ninguem desata.

*I.*—Vossa mercê nessa terra,  
Está na fama dos anneis,  
Desde pequeno que canta.  
Em quatro, em seis e em dez,  
Mas amarre com as mãos  
Que eu desmancho com os pés.



Rua do Alecrim n. 38 E

1609

O autor reserva o direito de pro-  
priedade

(LGA),